

O Mal na Criação

A questão do Mal é fonte de questionamentos desde os primórdios do pensamento humano. Os povos todos tiveram algum desenvolvimento da ideia para explicar o motivo pelo qual o mal e o sofrimento existiam em suas vidas. Vamos analisar, neste texto, quais são as tentativas de resposta que nossa tradição judaico-cristã trouxe no decorrer dos séculos e por onde caminham esses questionamentos até os nossos dias, sabendo já de antemão que, se continuam as perguntas, as respostas ainda não satisfizeram o coração humano.

Iniciemos sondando o que dele se disse nos primórdios de nossa civilização ocidental:

- Dualismo persa:
 - Toda a criação se constitui numa mistura de bem e de mal; de espírito e matéria; de luz e trevas; verdade e mentiras. Por detrás dessas forças, paira um princípio unitário, onde não há divisões. Porém, gera um duplo princípio fundamental: Ahura-Mazda (senhor sábio - Ormuz) e Angra Mainyu (espírito hostil - Ahriman);
 - O ser humano sofre as consequências dessa luta: também ele é perpassado pelo mesmo dualismo. Provém daí o conflito entre virtude e vício.
 - Para os persas, o mal acaba derrotado pelo bem, e seu sentido reside em contrastar o bem, para a evidência deste;
- A *moira* grega:
 - O mal é mais forte do que nós. Para a maior parte dos pensadores gregos, o ser humano vive num certo determinismo, denominado de *moira*, que empurra-nos a cumprir os desígnios dos deuses. Portanto, algumas pessoas estão condenadas a praticar o mal, “para que se cumpra o que foi predito”.
 - Porém, cabe observar que em certos mitos o bem acaba triunfando. Perseu mata a Medusa; Teseu elimina o Minotauro; Édipo resolve o enigma da Esfinge devoradora; Hércules liquida Hidra de Lerna. Essas vitórias, entretanto, só são conseguidas por super-homens e, ainda assim, auxiliados pelos deuses.

Ficam, portanto, claras as tentativas de explicação que tateiam na mitologia formas de compreender o sentido do sofrer e, com esse, sofrer menos. Na concepção judaico-cristã, cujas fontes estão além do mítico, temos alguns nomes proeminentes, mas nenhuma história como a de Jó se deparou tão intensamente e sinceramente com a questão:

- “Por que continuam a viver os ímpios e, ao envelhecer, tornam-se ainda mais ricos? A prole está segura em sua presença... As casas deles estão em paz e sem temor; a vara de Deus não os atinge. O touro reproduz sem falhar, a vaca dá cria sem abortar. Deixam crianças correr como cabritos, e a filharada a brincar alegremente. Cantam ao som do pandeiro e da cítara e divertem-se ao som da flauta. Assim acabam os dias na ventura e serenamente descem à mansão dos mortos...” (Jó 21, 7s)

No final do livro de Jó, Deus pergunta: “Onde estavas quando criei todas as coisas?” ou seja, “como Jó pretende desvendar todos os mistérios do mal?”. Ele se dá conta de que sua natureza se faz pequena demais para contemplar e abarcar “o todo” do universo, inclusive a questão do mal. Mas além de Jó, temos inúmeras outras figuras bíblicas que se depararam com o mesmo problema. Jeremias, por exemplo: “Por que prospera o caminho dos ímpios?” (Jr 12,1), te tantos outros. Para uma compreensão mais aprofundada dessa questão, sugiro que se estude com mais ênfase os livros bíblicos sapienciais.

Na teologia clássica, temos três categorias para o mal: o cósmico, o físico e o moral (pecado). A compreensão geral é de que o mal moral está no fundamento dos outros males (cósmico e físico). Quanto mais a humanidade peca, pior para ela mesma. Esses males teriam como sentido o afastamento (desromantização) do homem ao mundo e elevação do pensamento. Uma forma de espiritualidade que denominamos *fuga mundi* (fuga do mundo) baseia sua vivência nessa forma de compreensão. Em síntese, havia nessa forma de teologar uma grande preocupação de inocentar Deus de qualquer responsabilidade relativa ao mal (uma antítese ao que escolas do pensamento diziam, como Epicuro, que ironizava: se Deus não quer eliminar o mal, ele é invejoso; se não o pode eliminar, ele é fraco).

Eis alguns caminhos que ela tomou: O mal não tem densidade. É “não ser”; só o bem existe. Há males que vêm para o bem – ponto de vista da totalidade da existência; *Deus não quer o mal, apenas o permite*; A responsabilidade sobre o mal provém do mau uso da liberdade pelo ser humano;

Contudo, muitas questões permanecem: não haveria outro caminho para que surja o bem?; quem confiou tamanho poder a uma criatura tão irresponsável? por que o fez? por que Deus permite o mal? Como

compreender, com isso, a frase de Isaías: “Eu sou o Senhor e não há outro, eu formo a luz e crio as trevas, eu faço a ventura e crio a desgraça, eu sou o Senhor, faço todas as coisas” (45,6-7)?

A mãe Igreja trata de apontar saídas e ao mesmo tempo limites para esses questionamentos na síntese da nossa fé. No Catecismo, encontramos os seguintes apontamentos, mais relevantes:

- “O mundo em que vivemos muitas vezes parece estar bem longe daquilo que a fé nos assegura; a experiência do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa-Nova, podem abalar a fé e tornar-se para ela uma tentação” (164);
- “A fé em Deus Pai todo-poderoso pode ser posta à prova pela experiência do mal e do sofrimento. Por vezes Deus pode parecer ausente e incapaz de impedir o mal. Ora, Deus Pai revelou a sua onipotência de maneira mais misteriosa no rebaixamento voluntário e na Ressurreição de seu Filho, pelos quais venceu o mal” (272)
- “Deus não é de modo algum, nem direta nem indiretamente, a causa do mal moral. Todavia, permite-o, respeitando a liberdade da criatura e, misteriosamente, sabe auferir dele o bem” (311)

Nosso incansável Santo Agostinho, com todo seu brilhantismo e genialidade, também se inquietou com a questão:

- “Quem me criou? Não foi o meu Deus, que é bom e é também a própria bondade? Donde me veio, então, o querer eu o mal e não o bem? Seria para que houvesse motivo de eu justamente ser julgado? Quem colocou em mim e quem semeou em mim este viveiro de amarguras, sendo eu inteira criação de Deus tão amoroso? Se foi o demônio quem o criou, donde é que veio ele? E se, por uma decisão de sua vontade perversa, transformou-se de anjo bom em demônio, qual é a origem daquela vontade má com que se mudou em diabo, tendo sido criado anjo bom, perfeito, por um Criador tão bom?” (*Confissões*)

O mal e o sofrimento na Criação caminham de mãos unidas. Nossa teologia tentou sintetizar na seguinte expressão: *Mysterium iniquitatis* (mistério da iniquidade – *mysterion tes anomías*). “Anomia” tem a ver com falta de lei ou regra, com desmedida e excesso. Quando se perde o controle e se fica submetido a ele como a uma maligna alteridade, como se fosse “alguém” que submete, arranca e conduz aonde não se quer, renunciando o mistério último da morte, então trata-se realmente de “sofrimento”.

Ainda, quando não se vê relação entre causa e efeito, e tem-se o mistério da desproporção: até para os criminosos, quando o sofrimento ultrapassa a linha da punição, admite-se que são arrastados à região da inocência por um sofrimento já absurdo.

Não há teologia de retribuição ou razão que fiquem de pé diante do sofrimento inocente. Se Deus acaba matando, de que serve castigar ou amadurecer? O fato de Deus exigir e conduzir pelo caminho da dor como em dor de parto os que ele ama tem sua verdade, mas também tem um limite. O mal excessivo não concorre para o bem, mergulha no mistério do absurdo.

A figura de Jó se realiza historicamente em Jesus. Ele não trouxe respostas doutrinárias, mas desencadeou um modo prático de se posicionar frente ao mal no mundo. Vê todo pecador como enfermo a ser tratado; toda discriminação e opressão, fratricidas em sua raiz cainígea, precisam do socorro à multidão dos que são Abel. Jesus atrai para si todo o mal. Forma-se vítima expiatória!

A resposta do Pai ao sofrimento humano é o filicídio (assassinato do filho) de Jesus? Não. Na fraqueza e no sofrimento inocente de Jesus estão a fragilização e o sofrimento do próprio Deus. Este é o mistério maior do silêncio e da *kénosis*: com o despojamento de divindade do Filho, o Pai também abre mão da justiça retributiva e de poder para aplicá-la. Na sua própria vulnerabilidade, renunciando aos atributos divinos lógicos, sobretudo de potência, Deus brilha em atributos que surgem do amor puro e humilde.

Mediante o amor sem poder, tem o poder de vencer sem criar vencidos. Vence sem produzir vencidos, trazendo para a vitória da Páscoa também os seus assassinos, não como seus vencidos, mas como irmãos...

Gostaria de finalizar nossa breve reflexão sobre o Mal com uma cena bíblica inquietante, mas que pode nos apontar com propriedade para um norte de compreensão desse mistério que nos assola. É a narração da descida de Jesus à mansão dos mortos.

Em antítese ao período da cristandade, hoje se vive num período “pós-Deus”, ou seja, não é mais Ele quem dita as regras na sociedade. Em seu livro “Introdução ao Cristianismo”, Ratzinger compara nossa geração àquele episódio do profeta Elias, quando ele zomba dos adeptos de Baal que não conseguiram que seu deus queimasse as oferendas a ele oferecidas. Nós, porém, estamos nesta cena invertida... Parece que os racionalistas hoje têm mais autoridade para zombar de nosso Deus que “não aparece”.

Ratzinger lembra ainda, porém, da história dos discípulos de Emaús. Eles, atordoados, estão falando da morte de sua esperança. Estão vagando no vazio da promessa. Mal percebem que a sua esperança está bem no meio

deles. Que aquele em quem confiaram deveria ressuscitar a imagem de Deus que outrora tinham.

O artigo de fé que fala da descida do Senhor aos infernos serve para lembrar-nos de que a revelação de Deus não se compõe apenas das palavras de Deus, mas também de seu silêncio. Só quando o descobrimos no silêncio podemos nutrir a esperança de ouvir também as suas palavras que se manifestam no silêncio.

A cristologia se estende para além da cruz, em que o amor de Deus se torna palpável, para dentro da morte, do silêncio e do obscurecimento de Deus. Quando no Creio dizemos “desceu à mansão dos mortos”, professamos existencialmente o sentimento da ausência de Deus. A profunda solidão.

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34), exclamado por Jesus, remete à primeira linha de um salmo que expressa a aflição do povo de Israel pelo fato de apesar de escolhido, é tão abandonado pelo seu Senhor.

Que mais pode ser o grito de abandono de Jesus do que o grito do mundo inteiro, juntamente com o Senhor que “desceu aos infernos”, estabelecendo a proximidade de Deus em meio à sensação de estar abandonado por Deus? A essência mais profunda da Cruz de Jesus é a experiência do abandono total. O medo que assola todo o ser humano, que é um *ser para o outro*, quando sente-se abandonado do seu próprio ser.

Racionalmente não se pode perder o temor absoluto de estar só. Este só pode ser perdido quando se está na presença de alguém que ama. Exemplo: criança atravessando a floresta ou alguém preso numa sala com um morto.

Se houvesse uma solidão em que nenhuma palavra de um outro pudesse penetrar para transformá-la; se houvesse uma sensação de abandono tão profundo que nenhum tu seria capaz de chegar até ele, então estaríamos diante da solidão e do assombro verdadeiro e total, aquilo que a teologia chama de “inferno”.

Podemos dizer, finalmente, que Jesus, ao descer aos infernos, atravessou a porta de nossa solidão extrema quando, na sua Paixão, afundou no abismo de nossa sensação de abandono. Onde já não se faz ouvir nenhuma voz, lá está ele. Com isso, o inferno está vencido, ou melhor: a morte, que antes era o inferno, não existe mais.

Trabalho de grupo:

Grupo 1:

- Como é o agir do Criador em relação pedagógica com as criaturas?

Grupo 2:

- Diante do sofrimento inocente e excessivo, qual é a melhor atitude cristã?

Grupo 3:

- Qual a melhor forma de leitura da Cruz de Cristo?